

JOAQUIM DE CARVALHO: SPINOZA PENSAVA EM PORTUGUÊS¹

Emanuel Angelo da Rocha Fragoso

Universidade Estadual do Ceará – UECE (Brasil)

Abstract

Carl Gebhardt's citation to Spinoza's observation of the language in which he was educated led researchers to inquire what that language would be. For Joaquim de Carvalho, Spinoza thought in Portuguese, based on his use of the idiomatic expression "nec per somnium cogitant", corresponding to a locution commonly used in Portugal in the seventeenth century "*nem por sonhos lhe passa pela cabeça* [not even in his dreams he'd think of that]", in two of his works : in Ethics and in the Political-Theological Treatise. Our intention in this work is to analyze Spinoza's Letter XXXII to Enrique Oldenburg - in which the expression is also found and that was not mentioned by Joaquim de Carvalho -, aiming at the demonstrative reinforcement of the hypothesis of Joaquim de Carvalho's hypothesis for the mother tongue of Spinoza.

Keywords

Carl Gebhardt, Joaquim de Carvalho, Spinoza.

Resumo

A citação de Carl Gebhardt à observação de Spinoza sobre o idioma em que foi educado levou pesquisadores a indagarem qual seria esse idioma. Para Joaquim de Carvalho, Spinoza pensava em português, baseado no uso que faz da expressão idiomática “*nec per somnium cogitant*”, correspondente à locução de uso corrente em Portugal no século XVII “*nem por sonhos lhe passa pela cabeça*”, em duas obras suas: na *Ética* e no *Tratado teológico-Político*. Nossa intenção neste trabalho é analisarmos a *Carta XXXII* de Spinoza a Enrique Oldenburg – na qual também se encontra a expressão e que não foi citada por Joaquim de Carvalho –, visando o reforço demonstrativo da fundamentação da hipótese de Joaquim de Carvalho para a língua-mãe de Spinoza.

Palavras-chave

Carl Gebhardt, Joaquim de Carvalho, Spinoza.

¹ Este texto é uma versão revista de artigo de minha autoria intitulado “*Considerações sobre a expressão nec per somnium cogitant da Carta XXXII de Spinoza a Enrique Oldenburg*”, publicado na *Revista de Filosofía - Universidad Iberoamericana*, número 133, año 44, julio-diciembre de 2012.

Introdução

Em um pequeno artigo intitulado “*O nome Spinoza*”², publicado no primeiro volume do periódico *Chronicon Spinozanum* em 1921, Carl Gebhardt indica em nota a questão suscitada por uma observação de Spinoza em carta redigida em holandês e dirigida ao comerciante de grãos Willen van Blijenbergh³, na qual o filósofo escreve – também em holandês: “Gostaria muito de poder escrever na língua em que fui educado, pois poderia expressar melhor meus pensamentos”. A questão colocada seria o idioma que Spinoza utilizava para elaborar o seu pensamento, ou seja, a sua língua materna ou língua em que recebeu a educação básica, geralmente fornecida pela mãe, ou no caso de nosso filósofo, recebida também de sua madrasta, já que sua mãe faleceu quando ele estava perto de completar seis anos.

Inicialmente, iremos analisar a educação básica recebida pelo filósofo, a partir da leitura e análise dos textos de seus biógrafos que nos chegaram; em seguida, vamos analisar os textos descriptivos da formação da comunidade ibérico-judaica de Amsterdã na qual nasceu Spinoza; e logo a seguir, procederemos à análise da ascendência de Spinoza, visando estabelecer com a maior probabilidade possível o idioma predominante em sua comunidade e o idioma materno de seus pais e, por conseguinte, o idioma em que recebeu sua educação básica e sua educação formal. Por fim, iremos analisar as hipóteses dos comentadores sobre o idioma no qual Spinoza elaborava o seu pensamento e a hipótese de Joaquim de Carvalho.

1 A educação básica de Spinoza

Os mais antigos documentos que apresentam referências biográficas sobre Spinoza relevantes para a nossa questão, ou seja, a educação básica recebida quando criança na sua comunidade são (1) O prefácio às Obras Póstumas (OP) de Spinoza escrito por Jarig Jelles e publicado em 1677⁴; (2) o verbete “Spinoza” escrito por Pierre Bayle e publicado pela primeira vez em 1697⁵; (3) o

² Carl Gebhardt. “Der Name Spinoza”. In: *Chronicon Spinozanum*. Tomus Primus. Hagæ Comitis, curis Societatis Spinozanae, p. 272-276, MCMXXI [1921], p. 275 (nota). Versão em português: Carl Gebhardt. “O nome Spinoza”. *Revista Conatus - Filosofia de Spinoza*, Fortaleza-CE, v. 6, n. 11, p. 89-93, jul. 2012.

³ Benedictus de Spinoza. “Carta XIX (05 de janeiro de 1665)”. *Revista Conatus - Filosofia de Spinoza*, Fortaleza-CE, v. 5, n. 9, julho de 2011, p. 107.

⁴ Jarig Jelles. “Tradução do Prefácio às Obras Póstumas de B. D. S.”. In: Luís Machado de Abreu. “Uma Apologia de Spinoza - O Prefácio às Obras Póstumas”. *Revista da Universidade de Aveiro/Letras*, v. VIII-6, p. 307-329, 1985.

⁵ Pierre Bayle. “Spinoza”. In: Atilano Domínguez. *Biografías de Spinoza*. Madri: Alianza, p. 81-89, 1995.

prefácio que Sebastian Kortholt⁶ escreveu para a reedição publicada em 1700 do livro que seu pai, Christian Kortholt, publicou em 1680 contra Hobbes, Herbert of Cherbury e Spinoza intitulado *De Tribus impostoribus*; (4) a biografia de Spinoza escrita por Jean Colerus⁷ publicada em 1705 e (5) a biografia escrita por Jean Maximilian Lucas⁸ e publicada em 1719.

Ressaltando logo no início do prefácio às OP que “Tratando-se de um livro em que quase tudo é demonstrado de modo matemático, pouco interessa saber quem foram os pais do autor e que espécie de vida foi a sua”⁹, Jelles escreve que Spinoza “Foi, desde tenra idade, instruído nas letras e na adolescência exercitou-se na Teologia durante muito tempo”.¹⁰ Bayle por sua vez escreve que não logrou “[...] saber nada de particular sobre la familia de Spinoza; pero cabe pensar que era pobre y muy poco relevante.”¹¹. Sobre a educação de Spinoza escreve que “Estudió la lengua latina [...], y se entregó desde muy pronto al estudio de la teología, a la que dedicó varios años; después de lo cual se consagró por completo al estudio de la filosofía.”¹² e que “Compuso en español una apología de su salida de la sinagoga.”¹³. Kortholt reafirma a origem judaica de Spinoza escrevendo que seu pai era “um comerciante judeu em Amsterdã e ele [Spinoza] era chamado Baruch. Em sua juventude já causava a seu pai grandes desgostos, pois embora destinado ao comércio ele se dedicava inteiramente às Letras.”¹⁴ e aprendeu a língua latina “com avidez sob a orientação e os auspícios de uma jovem culta.”¹⁵. Colerus corrige a afirmativa de que seus pais eram pobres e de origem humilde e afirma que eram judeus portugueses, distintos e abastados. Sobre a educação do jovem Baruch escreve que “no fue mala, sino mejor de lo común.” Recebeu inicialmente aulas de latim de um “estudiante alemán” e depois se dedicou a aprender com o “profesor y doctor em medicina, Frans van den Éden”¹⁶, e, após entender o latim, se dedicou “em su juventud, a la teología y se ejercitó algunos años em ella”¹⁷, deixando-a para

⁶ Sebastian Kortholt. “Prefácio ao de *Tribus Impostoribus*”. *Revista Conatus - Filosofia de Spinoza*, Fortaleza-CE, v. 2, n. 3, p. 91-93, jul. 2008.

⁷ Jean Colerus. “Biografía de Spinoza”. In: Atilano Domínguez. *Biografías de Spinoza*. Madri: Alianza, p. 97-142, 1995. Versão em português: Jean Colerus. *Vida de Spinoza*. Disponível em: <<http://benedictusdespinoza.pro.br/biografias-de-spinoza-colerus.html>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

⁸ Jean Maximilian Lucas. “A vida e o espírito do senhor Benoit de Spinoza”. *Revista Conatus - Filosofia de Spinoza*, Fortaleza-CE, v. 3, n. 5, p. 89-102, jul. 2009.

⁹ Jarig Jelles, *Op. Cit.*, p. 307.

¹⁰ *Ibidem*, p. 307.

¹¹ Pierre Bayle, *Op. Cit.*, p. 81.

¹² *Ibidem*, p. 81.

¹³ *Ibidem*, p. 82.

¹⁴ Sebastian Kortholt, *Op. Cit.*, p. 91.

¹⁵ *Ibidem*, p. 91.

¹⁶ Jean Colerus, *Op. Cit.*, p. 98.

¹⁷ *Ibidem*, p. 99-100.

estudar a Física e depois a Filosofia na qual leu Descartes¹⁸. Colerus afirma suas origens portuguesas pela sua fisionomia escrevendo “*Por su fisonomía podía fácilmente adivinar-se que procedía de judíos portugueses, [...]”*¹⁹. Por fim, Lucas escreve que Spinoza era de “[...] Amsterdã, a mais bela cidade da Europa, e de origem muito medíocre. Seu pai que era judeu de religião e português de nação, não tendo o meio para desenvolvê-lo no comércio, resolveu lhe fazer aprender as línguas hebraicas.”²⁰. Também vincula a origem portuguesa de Spinoza à sua aparência, ao escrever que possuía um “aspecto português”²¹.

A contradição que percebemos nos relatos acima, se a família de Spinoza era “pobre e muito pouco relevante” (Bayle) ou “origem muito medíocre” (Lucas) ou então, ao contrário, “judeus portugueses, distintos e abastados” (Clerus) é analisada por Steven Nadler, que, citando documentos acerca das atividades comerciais de Michael, pai de Spinoza, conclui que a opinião de Clerus é “provavelmente mais exata”²².

No que tange à educação de Spinoza, pode-se concluir dos relatos dos antigos biógrafos que (1) foi “desde tenra idade, instruído nas letras” (Jelles) e “se dedicava inteiramente às Letras” (Kortholt), também “estudou a língua latina” (Bayle) ou “aprendeu a língua latina com avidez” (Kortholt), iniciando-se com um “mestre alemão” e depois se aperfeiçoando com “Frans van den Enden” (Clerus); (2) “aprendeu a língua hebraica” (Lucas); (3) na “adolescência exercitou-se na Teologia durante muito tempo” (Jelles) ou “se entregou ao estudo da Teologia” (Bayle) e “se consagrou por completo ao estudo da Filosofia” (Bayle) ou “deixou a teologia para estudar a Física e depois a Filosofia na qual leu Descartes” (Clerus) e (4) “Compôs em espanhol uma apologia de sua saída da sinagoga” (Bayle).

Quanto à primeira conclusão (1), sabemos por meio de documentos notariais holandeses em que Spinoza é citado como “comerciante em Amsterdã”²³ ou relacionado à firma comercial “Bento y Gabriel de Spinoza”²⁴, que atuou no comércio onde teve oportunidade de se encontrar na bolsa de Amsterdã com vários de seus futuros amigos que “estabam más o menos influídos por Descartes”²⁵. É deste período, por volta de 1654 ou início de 1655, que inicia seus estudos de latim, e, por conseguinte, seu encontro com a obra dos grandes clássicos latinos e com a leitura direta no original da filosofia de Descartes. Quanto à segunda conclusão (2), Nadler relata que era

¹⁸ *Ibidem*, p. 97.

¹⁹ *Ibidem*, p. 112.

²⁰ Jean Maximilian Lucas, *Op. Cit.*, p. 91.

²¹ *Ibidem*, p. 101.

²² Steven Nadler. *Espinosa – Vida e obra*. Lisboa: Europa-América, 2003, p. 56-57.

²³ *Ibidem*, p. 91-124.

²⁴ H. G. Hubbeling. *Spinoza*. Barcelona: Herder, 1981, p. 24.

exigido na comunidade que todos os rapazes estudassem a “língua sagrada” na escola²⁶. Quanto à terceira conclusão (3), o único livro publicado em vida de Spinoza e com o seu nome foi o *Princípios de Filosofia cartesiana* (PPC) que versa inteiramente sobre a obra de Descartes. Quanto à quarta e última conclusão (4), a de que Spinoza teria redigido em espanhol uma apologia sobre sua saída da sinagoga, após sua excomunhão no ano de 1656, será questionada por Joaquim de Carvalho a partir da análise do uso do termo “Apologia” no título – uma vez que não foi publicada. Segundo Joaquim de Carvalho, somente pelo emprego no título do termo “apologia”, não é possível afirmarmos que teria sido escrita em espanhol, uma vez que este termo pode ser usado tanto no idioma português quanto no idioma castelhano com o mesmo sentido²⁷.

2 A comunidade ibérico-judaica de Amsterdã

H. P. Salomon²⁸ e Maxim P. A. M. Kerkhof²⁹ afirmam que a comunidade era designada como “nação portuguesa”, e era composta em sua maioria por indivíduos de origem portuguesa. Por conseguinte, havia predomínio do uso da língua portuguesa entre os ibérico-judeus de Amsterdã no que tange à organização da comunidade e ao seu cotidiano. Já em 1911 esta situação era claramente apontada por Joaquim Mendes dos Remédios:

É indubitável que a língua portuguesa perdurou durante largo período não só como a língua usada pelos literatos e homens cultos, mas ainda no seio das famílias como a língua própria e habitual. Nos livros, como nos seus cartões para que não importa que convite de festa ou de cerimonia, nas inscrições epigráficas dos seus monumentos tumulares, a língua que empregavam era, de facto, a portuguesa³⁰.

Não compartilhamos a convicção de Mendes dos Remédios de que os judeus de Amsterdã de origem portuguesa redigiam seus livros em português, pois temos evidências de que a maioria dos livros publicados era em espanhol. E, segundo Kerkhof, esta língua era na

²⁵ *Ibidem*, p. 25.

²⁶ Steven Nadler, *Op. Cit.*, p. 59.

²⁷ Joaquim de Carvalho. “Sobre o lugar de origem dos antepassados de Baruch de Espinosa”. In: *Obra Completa de Joaquim de Carvalho*, v. 1, 2. ed. (Filosofia e História da Filosofia - 1916-1934). Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1992a, p. 373, nota 17.

²⁸ H. P. Salomon. “Introdução – Saul Levi Mortera: O homem, a obra, a época”. In: Saul Levi Mortera. *Tratado da verdade da lei de Moisés*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1988, p. XLIII.

²⁹ Maxim P. A. M. Kerkhof. “Préstamos en el portugués de los judíos hispano-portugueses de Ámsterdam en la primera mitad del siglo XVII”. In: *Sefarad – Revista de estudios hebraicos e sefardíes*, v. 71, n. 1, p. 413-434, jul./set. 2011, p. 414.

³⁰ Joaquim Mendes dos Remédios. *Os judeus portugueses em Amsterdam*. Coimbra: F. França Amado, 1911, p. 169-170.

comunidade judaica “la ‘lengua literaria’ por excelencia, y la de las traducciones de textos religiosos en ‘ladino’ [...]”³¹, porque vários fatores de ordem política, social e cultural propiciaram à elite portuguesa o conhecimento da língua espanhola, como por exemplo, o fato de que muitos portugueses, antes de saírem da península haviam passado algum tempo na Espanha, enquanto outros eram bilíngues devido ao período em que Portugal e Espanha estiveram unidos sob uma mesma coroa (1580-1640)³².

Joaquim de Carvalho compartilha a mesma opinião de Kerkhof ao afirmar que apesar do predomínio numérico e linguístico no dia a dia dos judeus de origem ibérico-portuguesa “[...] à comunidade de Amsterdão chegara também a ascendência literária do castelhano.”³³. E ainda acrescenta que apesar dos emigrados lusitanos mais esclarecidos escreverem indiferentemente as duas línguas peninsulares, “quando redigiam em português, como Samuel da Silva, no *Tratado da imortalidade da alma* (1623), não raro desfiguravam a redacção com abundantes castelhanismos.”³⁴. Também para Nadler o espanhol era a língua literária, pois ao considerar a língua da família de Spinoza, escreve que “Os homens, pelo menos, sabiam também o castelhano, a língua literária.”³⁵.

No entanto, porque “todos rezavam em hebraico.”³⁶, foi nesta língua que o *herem* ou anátema ou excomunhão foi pronunciado contra Spinoza no dia 27 de julho de 1656, “diante da arca Santa da sinagoga do Houtgracht”³⁷. Mas pelo fato de que nem todos dominavam inteiramente esta língua, pois “a geração dos mais velhos, educados em ambiente católico, possuía apenas uma familiaridade fonética com a língua”³⁸, o registro do *herem* na página 408 do *Livro do Acordos da Nacáim*, A[nn]o 5398-5440 foi feito em português e não em castelhano ou hebraico.

De nossa parte, acrescentamos às afirmativas *supra* sobre o espanhol ser a língua literária da comunidade judaica de Amsterdã, o fato de que não há nenhum livro em língua portuguesa na descrição dos notários holandeses encarregados do espólio de Spinoza que relacionaram todos os livros que este tinha em sua biblioteca³⁹ por ocasião de sua morte em 1677. Por outro lado, estão

³¹ Maxim P. A. M. Kerkhof, *Op. Cit.*, p. 414.

³² Edward Glaser *apud* Maxim P. A. M. Kerkhof, *Op. Cit.*, p. 414.

³³ Joaquim de Carvalho, *Op. Cit.*, 1992a, p. 374.

³⁴ *Ibidem*, p. 374.

³⁵ Steven Nadler, *Op. Cit.*, p. 59.

³⁶ *Ibidem*, p. 59.

³⁷ *Ibidem*, p. 128.

³⁸ *Ibidem*, p. 59.

³⁹ Sobre a Biblioteca de Spinoza ver (1) Jacob Freudenthal. *Lebensgeschichte Spinoza's*. Leipzig: Verlag von Veit, 1899, p. 160-164; (2) Jacob van Aluis; Ionnis Musschenga (org.). *De boeken van Spinoza. Spinoza's books*. Den Haag: Bibliotek der Rijksuniversiteit Groningen, 2009; (3) Emanuel A. R. Fragoso, *Biblioteca do Spinoza* e (4) Atilano Domínguez (org.). *Biografías de Spinoza*. Madri: Alianza, 1995, p. 203-220.

relacionados dezesseis livros em língua espanhola, inclusive a bíblia, dicionários e obras de poetas espanhóis como Luis de Góngora e Don Francisco de Quevedo⁴⁰.

3 A ascendência de Spinoza

No estado atual dos estudos genealógicos de Spinoza pode-se afirmar sem dúvida que sua ascendência era de origem portuguesa, por meio de análise dos registros de casamento e dos documentos comerciais de membros da família que viveram em Amsterdã, ou ainda, por meio das inscrições nas lápides encontradas no cemitério judeu de *Bet Haim* ou Ouderkerk, nome do povoado (*Ouderkerk aan de Amstel*) perto de Amsterdã onde se localiza o cemitério.

Segundo K. O. Meinsma, o pai de Spinoza, Michael de Espinosa, nasce por volta de 1600 em Portugal, na localidade denominada Figueira, perto de Coimbra e casa provavelmente em 1620 com certa Rachel cujo nome não está bem estabelecido⁴¹. Trata-se da primeira esposa de Michael, Rachel Espinoza que morre em 21 de fevereiro de 1627, conforme registro em sua lápide⁴². Provavelmente em 1628, Michael casa-se com Hana Debora d'Espinoza, que vai lhe dar dois filhos: Miriam Espinosa que nasce em 1629 e Baruch de Espinosa que nasce em 24 de novembro de 1632. Hana Debora morre em 5 de novembro de 1638, conforme inscrição em sua lápide⁴³. Talvez por estar novamente só e com duas crianças pequenas, Miriam com doze anos e Baruch com oito anos, Michael apregoa o seu casamento com Hester [Fernandes, aliás, Guiomar de Soliz]⁴⁴ de Espinosa, de Lisboa, em 11 de abril de 1641⁴⁵ e se casa com ela em 28 de abril do mesmo ano, conforme consta nos registros notariais da prefeitura da cidade de Amsterdã⁴⁶. Hester morre em 24 de outubro de 1652, conforme inscrição em sua lápide⁴⁷.

⁴⁰ Sobre a Biblioteca de Spinoza em espanhol ver Atilano Domínguez. “Notas sobre la ‘Biblioteca española de Spinoza’”. In: Atilano Domínguez (org.). *Spinoza y España: Actas del Congreso Internacional sobre Relaciones entre Spinoza y España (Almagro, 5-7 noviembre 1992)*. Cuenca: Universidad de Castilha - La Mancha, 1994, p. 43-46.

⁴¹ K. O. Meinsma. *Spinoza et son Cercle*. Paris: J. Vrin, 1983, p. 77.

⁴² Jacob Freudenthal. *Op. Cit.*, p. 110. David Henriques de Castro. *Keur van Grafsteen op de Nederl.-Portug.-Israël. Begraafplaats te Ouderkerk aan den Amstel*. Leiden: E. J. Brill, 1883, p. 29.

⁴³ Jacob Freudenthal, *Op. Cit.*, p. 111. David Henriques de Castro. “Ad Spinosam”. In: *Oud Holland*, v. 6, p. 45-47, 1888, p. 46.

⁴⁴ Cf. Steven Nadler, *Op. Cit.*, p. 84.

⁴⁵ Joaquim de Carvalho, *Op. Cit.*, 1992a, p. 380 (com fac-símile do registro na p. 378) e também K. O. Meinsma, *Op. Cit.*, p. 78.

⁴⁶ Jacob Freudenthal, *Op. Cit.*, p. 111. Joaquim de Carvalho, *Op. Cit.*, p. 380 (com fac-símile do registro na p. 383). Meinsma, *Op. Cit.*, p. 78.

⁴⁷ Joaquim de Carvalho, *Op. Cit.*, 1992a, p. 382. Jacob Freudenthal, *Op. Cit.*, p. 113. David Henriques de Castro, 1888, p. 46.

Comentando o texto de Meinsma, Joaquim de Carvalho não se refere à data de nascimento de Michael, escrevendo apenas que a existência deste em Amsterdã “é certificada desde fins de 1623 até 28 de março de 1654, data de seu falecimento.”⁴⁸. A primeira certificação da estada de Michael citada é o registro de morte de seu filho ocorrida em 3 de dezembro de 1623, conforme consta no *Livro de Bet Haim do Kahal Kados de Bet Yahacob* (1614-1630), livro no qual eram registrados os gastos para a manutenção do cemitério⁴⁹. Quanto à data de sua morte pode ser atestada por meio da inscrição na sua pedra tumular⁵⁰. Quanto ao seu local de nascimento, citado por Meinsma como Figueira, Joaquim de Carvalho discorda e postula como novo local de nascimento de Michael a localidade de Vidigueira, também em Portugal, conforme indica a proclama e o registro de seu casamento com Hester de Espinosa, assumindo, no entanto que sua hipótese carece de fundamentação documental⁵¹.

Em 1992, transcorridos trinta e quatro anos da morte de Joaquim de Carvalho, quando da reedição de sua tradução da *Ética*, seu filho Joaquim Montezuma de Carvalho publica um posfácio no qual descreve que em 1987, António Borges Coelho encontrara a prova documental de que Michael de Espinosa era originário de Vidigueira⁵². E é também a Vidigueira o local de nascimento de Michael que é citado por Carl Gebhardt⁵³, por H. G. Hubbeling⁵⁴ e por Steven Nadler em sua biografia de Spinoza, a mais recente de que dispomos atualmente⁵⁵.

Gebhardt afirma ser o português sua língua-mãe, a língua que se falava em Vidigueira⁵⁶. Também Nadler afirma incisivo que “A língua que se falava na casa de Espinosa era, evidentemente, o português.”⁵⁷. De nossa parte, concordamos com Gebhardt e com Nadler por considerarmos que o exposto acima demonstra em definitivo que a linguagem cotidiana utilizada na casa de Spinoza quando de sua formação básica era o português, pois ainda que não possamos comprovar a nacionalidade – e por extensão, o idioma materno –, de sua mãe, podemos comprovar a origem portuguesa de seu pai Michael (Vidigueira) e de sua madrasta, Hester de Espinosa (Lisboa) que o criou desde os oito anos de idade. E esta, como raciocina Vaz Dias e

⁴⁸ Joaquim de Carvalho, *Op. Cit.*, 1992a, p. 379.

⁴⁹ Maxim P. A. M. Kerkhof, *Op. Cit.*, p. 414-415.

⁵⁰ Jacob Freudenthal, *Op. Cit.*, p. 113. David Henriques de Castro, 1888, p. 45.

⁵¹ Joaquim de Carvalho, *Op. Cit.*, 1992a, p. 395.

⁵² Joaquim de Montezuma de Carvalho. “Posfácio”. In: Bento de Espinosa. *Ética*. Lisboa: Relógio D’Água, p. 483-501, 1992, p. 499-500.

⁵³ Carl Gebhardt, *Op. Cit.*, p. 275 (nota). Na versão em português: p. 89.

⁵⁴ H. G. Hubbeling, *Op. Cit.*, p. 23. Ressalte-se que Hubbeling apenas afirma, sem citar nenhuma fonte.

⁵⁵ Steven Nadler, *Op. Cit.*, p. 45. Nadler também afirma sem citar a fonte.

⁵⁶ Carl Gebhardt, *Op. Cit.*, p. 275 (nota). Na versão em português: p. 89.

⁵⁷ Steven Nadler, *Op. Cit.*, p. 59.

van der Tak⁵⁸, provavelmente nunca aprendeu holandês, porque estão redigidas em português as suas últimas vontades e o seu testamento – um documento legal que tinha que ser escrito na presença de um notário holandês.

4 As hipóteses ou os idiomas possíveis

No entanto, o fato de podermos considerar que Spinoza cresceu e foi educado num ambiente com predominância de uso do idioma português, não nos autoriza a concluir que o filósofo utilizava esta língua na elaboração do seu pensamento, pois pode ter ocorrido ao filósofo o que comumente ocorre com os filhos dos emigrados atualmente em vários países do mundo: assimilarem mais a língua e a cultura em que nasceram em detrimento da língua e da cultura de origem dos seus pais. Neste caso, além do português, devemos considerar como possíveis idiomas que Spinoza utilizava na elaboração do seu pensamento o hebraico, o espanhol, e, numa hipótese mais remota, mas considerada por alguns comentadores, o latim⁵⁹.

Para Jan Peter Nicolaas Land que em sua obra publicada em 1881 intitulada *Over de uitgaven en den text der Ethica van Spinoza*, a língua referida por Spinoza na *Carta XIX* como a que ele foi educado seria o hebraico. No artigo em que comenta a observação de Spinoza, Gebhardt discorda de Land com o argumento de que os pais de Spinoza, assim como toda a primeira geração de marranos imigrantes em Amsterdã, não entendiam nada ou muito pouco de hebraico⁶⁰.

Em nota a esta passagem em sua tradução para o inglês da correspondência de Spinoza, A. Wolf, considera sem maiores dúvidas que esta língua citada é o espanhol, sem nem ao menos cogitar na hipótese de ser a língua portuguesa⁶¹. Do mesmo modo e com a mesma certeza, Meinsma afirma ser o espanhol a língua referida por Spinoza⁶². Quanto ao latim, Wolf reconhece que Spinoza se expressa bem nesta língua, mas ele não foi educado em latim e, ocasionalmente, sua escrita latina traz reminiscências de termos cognatos espanhóis⁶³. Edwin Curley compartilha esta opinião de Wolf e Meinsma – sem a certeza destes –, afirmando que provavelmente esta língua é o espanhol, porque esta é a linguagem usada na comunidade judaica de Amsterdã para as

⁵⁸ Vaz Dias e van der Tak *apud* Steven Nadler, *Op. Cit.*, p. 85.

⁵⁹ Como por exemplo: Atilano Domínguez. In: Benedictus de Spinoza. *Correspondencia*. Madrid: Alianza, 1988, nota 138, p. 172.

⁶⁰ Carl Gebhardt, *Op. Cit.*, p. 275 (nota). Na versão em português: p. 89. Cf. também Steven Nadler, *Op. Cit.*, p. 59.

⁶¹ A. Wolf. *The Correspondence of Spinoza*. New York: Lincoln Mac Veagh, 1927, p. 407.

⁶² Meinsma, *Op. Cit.*, nota 16, p. 307.

instruções escolares, a literatura e as discussões religiosas, enquanto o português era a linguagem da vida diária e dos negócios⁶⁴. Para Domínguez a alusão de Spinoza na *Carta XIX* pode referir-se ao latim “*por ser a lengua que Spinoza manejaba hacia tiempo y que solía usar em sus cartas, em oposición al holandés, que, según da a entender, no escribe con seguridad;*”⁶⁵.

Wolf, Meinsma, Curley ou Domínguez fundamentam suas hipóteses nos hábitos culturais da comunidade judaica de Amsterdã ou na educação de Spinoza para afirmarem que a língua aludida por Spinoza na *Carta XIX* seria o espanhol ou o latim. Nadler inverte o raciocínio ao considerar de forma decidida que esta língua citada seria o português⁶⁶ e, fundamentando-se justamente nesta passagem, conclui que Spinoza “embora falasse fluentemente o latim e tivesse bons conhecimentos de hebraico, sentia-se mais à vontade em português do que em qualquer outra língua.”⁶⁷.

5 A hipótese de Joaquim de Carvalho e o idioma português

Para Joaquim de Carvalho o idioma que Spinoza utilizava na elaboração do seu pensamento era o português⁶⁸. Seu principal argumento para esta afirmativa é a anomalia que acarreta o uso da expressão *nec per somnium cogitant* nas obras do filósofo holandês. Segundo Joaquim de Carvalho, este uso não parece coerente com a lógica do sistema spinozista, porque se por um lado é factível que um pensamento enquanto ideia de um modo da extensão possa ser percebido “como que através de uma neblina” – ou como escreve Spinoza no escólio da proposição 7 da parte 2 da *Ética: quasi per nebulam* –, é infactível que um pensamento seja cogitado *per somnium* – como na expressão em questão –, devido à impropriade de *somnium* em relação a *cogitare* e a *cogitatio* que são atributos de Deus – ou como escreve Spinoza na proposição 1 da mesma parte 2: *attributum Dei*.

Buscando uma possível explicação para esta condição anômala da expressão *nec per somnium cogitant*, Joaquim de Carvalho admite que a expressão “tivesse ocorrido a Espinosa como

⁶³ A. Wolf, *Op. Cit.*, p. 407.

⁶⁴ Edwin Curley. *The Collected works of Spinoza*. v. I. New Jersey: Princeton University Press, 1988, p. 361.

⁶⁵ Atilano Domínguez. In: Benedictus de Spinoza. *Correspondencia*. Madrid: Alianza, 1988, nota 138, p. 172

⁶⁶ Steven Nadler, *Op. Cit.*, p. 59.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 59.

⁶⁸ Joaquim de Carvalho. “Nota VI”. In: Bento de Espinosa. *Ética*. Lisboa: Relógio D’Água, p. 191-193, 1992b, p. 191.

frase feita ou que lhe era familiar na conversação.”⁶⁹ e, que corresponderia ao modismo da linguagem popular *nem por sonhos lhe passa pela cabeça*, cujo significado seria o de algo que está tão longe de acontecer, que nem ainda foi oferecido em sonhos. Por ser de uso corrente em Portugal no século XVII, como atesta a obra de D. Francisco Manuel de Melo, *Feira dos Anexins*⁷⁰, pode-se supor que esta expressão “corria familiarmente entre os judeus portugueses que se estabeleceram em Amsterdão.”⁷¹.

Sendo assim, conclui Joaquim de Carvalho, o termo “*cogitare* teria o sentido de ‘passar pela cabeça’ e não significação noemática”⁷², ou seja, não estaria se referindo à ideia enquanto modo do atributo pensamento, primeiro em relação aos outros modos de pensar, podendo ser utilizado na expressão sem romper a lógica do sistema spinozista.

5.1 A expressão: *nec per* ou *ne per*

Encontramos a expressão citada por Joaquim de Carvalho – com pequenas variações –, em três obras de Spinoza: na *Ética*, no *Tratado Teológico-Político* (TTP) e na *Carta XXXII* de 20 de novembro de 1665 (esta última não foi analisada por Joaquim de Carvalho). Além destas obras do próprio Spinoza, encontramos uma expressão semelhante na *Carta LXVII* de 03 de setembro de 1675 que Albert Burgh envia ao pensador holandês: *ne per somnium quidem*.

No apêndice da parte 1 da *Ética* publicada na *Opera Posthuma* que veio à luz em 1677⁷³ e na edição de J. van Vloten e J. P. N. Land da *Benedicti de Spinoza Opera* publicada em 1882⁷⁴ encontramos a expressão considerada por Joaquim de Carvalho redigida como *ne per somnium cogitant*.

Numa tentativa de corrigir o texto de Spinoza aproximando-o da expressão *ne...quidem* (nem...ainda; nem...sequer) comum nos clássicos latinos, estes últimos editores acrescentam à expressão no texto uma nota na qual sugerem a substituição do termo *cogitant* por *quidem*, ficando

⁶⁹ *Ibidem*, p. 191.

⁷⁰ Francisco Manuel de Melo. *Feira dos anexins*. Lisboa: A. M. Pereira, 1875, p. 100.

⁷¹ Joaquim de Carvalho, 1992b, p. 191-192.

⁷² *Ibidem*, p. 192.

⁷³ B. D. S. *Opera Posthuma*. [S.l.] [Amsterdam]: [s.n.] [J. Rieuwertsz], MDCLXXVII [1677], p. 34. Daqui para frente citaremos usando a sigla OP seguida do número da página.

⁷⁴ *Benedicti de Spinoza Opera quotquot reperta sunt, recognoverunt J. van Vloten et J. P. N. Land. Hagae: Hagae Comitum, apud M. Nijhoff, 1882 (v. 1) e 1883 (v. 2), v. 1, p. 70.* Daqui para frente citaremos usando as siglas VL1 (volume 1) ou VL2 (volume 2), seguida do número da página.

assim a expressão: *ne per somnium quidem* (VL1, nota*, p. 70). Note-se que esta forma é a mesma empregada por Burgh na *Carta LXVII*⁷⁵.

Em sua obra *Ad Spinozae Opera Posthuma*⁷⁶ publicada em 1904 J. H. Leopold critica os editores pela mudança, que segundo ele buscavam “manter a leitura tradicional”⁷⁷, restaura o verbo da *editio princeps*, e, quiçá na suposição de uma falha tipográfica dos editores da OP em 1677, substitui o termo *ne* por *nec*, ficando: *nec per somnium cogitant*. Leopold fundamenta-se no uso da expressão como foi empregada por Spinoza no prefácio e no capítulo II do *Tratado Teológico-Político* (vide *infra*).

Após citar a correção de Leopold, Joaquim de Carvalho⁷⁸ enumera vários editores e tradutores da *Ética* que adotaram esta correção, como por exemplo, Charles Appuhn em sua edição bilingue latim/francês publicada pela primeira vez em 1934⁷⁹ e Carl Gebhardt em sua edição da *Spinoza Opera* publicada em 1925 (SO2, p. 78).

Quanto ao *Tratado Teológico-Político*, na edição *princeps* publicada em 1670, encontramos a expressão no prefácio como *nec per somnium videre*⁸⁰. No prefácio do TTP da edição de Vloten e Land (VL1, p. 373) e da edição de Gebhardt (SO3, p. 9) a expressão empregada é a mesma. No capítulo II do TTP vamos encontrá-la com uma mudança no verbo (*cogitare* no lugar de *videre*), ficando *nec per somnium cogitarit* (TTP1670, p. 22). Também aqui neste capítulo II, a edição de Vloten e Land (VL1, p. 399) e a edição de Gebhardt (SO3, p. 36) mantêm a mesma expressão da edição de 1670.

Como vimos acima, estas duas formas da expressão empregadas por Spinoza no prefácio e no capítulo II do TTP fundamentam a correção de Leopold que substitui o termo *nec* pelo *ne*. No entanto, cabe ressaltar que esta expressão também é encontrada no capítulo XV do TTP, à semelhança da encontrada na *editio princeps* da *Ética* – com o termo *ne* no lugar de *nec* –, apenas com a flexão do verbo *cogitare* diferente: *ne per somnium cogitarunt* (TTP1670, p. 166). E novamente as edições de Vloten e Land (VL1, p. 544) e de Gebhardt (SO3, p. 180) acompanham a edição de

⁷⁵ Carl Gebhardt. *Spinoza Opera*. Heidelberg: Carl Winter, 1925, v. 1-4, 2. Auflage 1972. A passagem citada encontra-se na página 287 do volume 4. Daqui para frente citaremos usando a sigla SO, seguida do número correspondente ao volume em que se encontra o texto citado em algarismo arábico e o número da página.

⁷⁶ J. H. Leopold, *Ad Spinozae Opera Posthuma*. La Haia: Hagae comitis apud Martinum Nijhoff, MCMII [1902].

⁷⁷ J. H. Leopold, *Op. Cit.*, p. 71.

⁷⁸ Joaquim de Carvalho, 1992b, p. 191.

⁷⁹ Charles Appuhn. *Éthique/Ethica*. Paris: J. Vrin, 1934, Reimpressão em 1983, p. 98.

⁸⁰ Benedictus de Spinoza. *Tractatus Theologico-Politicus*. Hamburgi [Amsterdam]: Apud Henricum Künrath [Jan Rieuwertsz], 1670, p. 5 [nao numerada]. Daqui para frente citaremos usando a sigla TTP seguida do ano (1670) e do número da página.

1670. Portanto, a correção de Leopold só poderia ser fundamentada na semelhança com a expressão encontrada no TTP se considerar o critério quantitativo: encontramos dois *nec* (prefácio e capítulo II) e um *ne* (capítulo XV). Tal não nos parece razoável.

Entretanto, no ano de 2010 foi descoberto na biblioteca do Vaticano um manuscrito que contém o texto completo da *Ética* de Spinoza, que leva o código *Vat. Lat. 12838*. Publicado no ano seguinte por Leen Spruit e Pina Totaro, encontramos no apêndice da parte 1 a expressão em questão como *nec per somnium cogitant*⁸¹. Neste sentido, a correção de Leopold que foi adotada por diversos autores posteriores, encontra finalmente uma fundamentação razoável: possivelmente, ao imprimirem a OP os editores cometaram uma falha tipográfica omitindo a letra “c” do termo “*nec*” que o autor do manuscrito *Vat. Lat. 12838* não cometeu.

O uso da expressão na *Carta XXXII* não foi citado por Joaquim de Carvalho. Uma possível explicação é o fato de que o trecho final da carta que continha a expressão *nec per somnium cogitant* foi excluído pelos editores na *Carta XV*, que é a numeração que a *Carta XXXII* recebeu na edição da OP em 1677 (OP, p. 439-442). Este trecho final encontra-se apenas na carta original enviada por Spinoza que só foi publicada na íntegra por Vloten e Land em sua edição de 1883 (VL2, p. 127-132).

Na *Carta XXXII* de 20 de novembro de 1665 encontramos a expressão *nec per somnium cogitant* (SO4, p. 175). Observe-se que é exatamente a mesma que muito provavelmente foi pensada por Spinoza e que se encontra no apêndice da parte 1 da *Ética*, após a correção de Leopold ou conforme ao manuscrito *Vat. Lat. 12838*.

Na *Carta LXVII* de 03 de setembro de 1675 que Albert Burgh envia a Spinoza encontramos uma expressão semelhante: *ne per somnium quidem* (SO4, p. 287), que é em tudo semelhante à formulação *ne...quidem* encontrada nos clássicos latinos a qual quiseram os editores J. van Vloten e J. P. N. Land aproximar o texto de Spinoza, conforme vimos acima.

5.2 *Nem por sonhos lhe passa pela cabeça*

5.2.1 Na *Ética*

Se considerarmos o método geométrico euclidiano em que a *Ética* foi escrita, pode parecer improvável que o termo *cogitare* da expressão *nec per somnium cogitant* empregada por Spinoza no apêndice da parte 1 tenha apenas o sentido de “passar pela cabeça” e não significação noemática. Mas uma análise mais apurada do texto mostra que tal consideração não é de todo

⁸¹ Leen Spruit; Pina Totaro. *The Vatican Manuscript of Spinoza's Ethica*. Leiden/Boston: Brill, 2011,

improvável, como faz, por exemplo, Paul-Louis Couchoud, que afirma ser a *Ética* composta por duas partes: uma parte geométrica e outra não-geométrica. Esta última, “Perto de uma metade – uma centena de páginas sobre duzentas e trinta –, é ocupada pelos prefácios, apêndices e, sobretudo por longos escólios;”⁸². Da mesma maneira encontramos na análise de Gilles Deleuze a afirmação de que a *Ética* não é um livro “homogêneo, retilíneo, contínuo, sereno, navegável, linguagem pura e sem estilo”⁸³, e ambos os livros, o livro do conceito e os escólios “ostensivos e polêmicos, [...] que constituem por si mesmos uma cadeia específica, distinta da dos elementos demonstrativos e discursivos”⁸⁴, as duas *Éticas*, “têm um só e mesmo sentido, mas não a mesma língua, como duas versões da linguagem de Deus.”⁸⁵. À semelhança de Couchoud, a análise de Robert Sasso irá mostrar que o discurso da *Ética* não é unicamente geométrico, há um discurso geométrico e um discurso não-geométrico, e o apêndice pertence a este último discurso, sendo uma repetição em linguagem comum de tudo o que o precede – a parte 1⁸⁶.

Analisando o contexto do apêndice da parte 1 da *Ética* na qual aparece a expressão, podemos observar que Spinoza não está desenvolvendo ou expondo nenhum ponto específico de sua doutrina. Ele está iniciando sua argumentação contra o finalismo, descrevendo uma situação na qual se encontram todos os homens: por nascerem ignorantes das causas das coisas, têm a falsa crença de que são livres, pois estão conscientes de suas volições e de seus apetites, mas nem em sonho pensam nas causas que os dispõem a ter essas vontades e esses apetites, ou seja, os homens cogitarem as causas está tão longe de acontecer que nem ainda foi oferecido em sonho.

Na mesma obra de Spinoza encontramos uma passagem que somente pode ser interpretada corretamente por Alexandre Koyré após uma leitura análoga à que nos propõe Joaquim de Carvalho para a expressão *nec per somnium cogitant*. Trata-se da expressão comparativa entre o “cão constelação celeste e o cão animal que ladra” (SO2, p. 62-63) empregada por Spinoza no escólio da proposição 17 da parte 1 da *Ética*. Koyré descreve as diversas interpretações suscitadas pelos historiadores – Kuno Fischer, Victor Brochard, Victor Delbos e Léon Brunschvicg –, que interpretaram essa passagem de forma análoga, ainda que não idêntica, como sendo uma decidida recusa de “qualquer espécie de analogia entre Deus e o homem, como

p. 115.

⁸² Paul-Louis Couchoud. *Benoit de Spinoza*. Paris: Félix Alcan, 1902, p. 159 e 164.

⁸³ Gilles Deleuze. “Spinoza e as Três *Éticas*”. In: _____. *Crítica e Clínica*. Rio de Janeiro: Editora 34, p. 156-170, 1997, p. 156.

⁸⁴ *Ibidem*, p. 164.

⁸⁵ *Ibidem*, p. 165.

⁸⁶ Robert Sasso. “Discours et non-discours de l’*Éthique*”. *Rivue de Synthèse*, n. 89, tome XCIX, p.

afirmação de sua heterogeneidade absoluta e como constatação da impossibilidade de aplicar a Deus qualquer dos conceitos que se aplicam ao homem.”⁸⁷. Segundo Koyré esta interpretação, apesar de consensual entre os historiadores citados, está baseada numa leitura equivocada da passagem em questão que contraria a doutrina e o texto spinozista. E explica que isto ocorreu porque os comentadores não observaram que o texto de Spinoza não é tético, mas polêmico, ou seja, não se trata de uma exposição da doutrina spinozista, mas de uma refutação por absurdo das concepções tradicionais dos teólogos⁸⁸.

De nossa parte observamos que a passagem citada encontra-se num escólio, parte da *Ética* considerada por Deleuze em sua análise como “ostensivos e polêmicos” (conforme *supra*). E que Couchoud e Sasso consideram como pertencentes à parte que analogamente denominaram de “parte não-geométrica” ou “discurso não-geométrico” da *Ética*, respectivamente, cuja principal característica é a de não possuir o mesmo rigor da parte ou do discurso dito “geométrico” e nem estar sujeitas à ordem matemática vigente nestes.

5.2.2 No TTP

No *Tratado Teológico-Político* encontramos a expressão em questão com três formulações distintas: *nec per somnium videre* (no prefácio), *nec per somnium cogitavit* (no capítulo II) e *ne per somnium cogitarunt* (no capítulo XV). No entanto, ainda que pareçam distintas, trata-se da mesma expressão idiomática *nem por sonhos lhe passa pela cabeça* empregada por Spinoza no apêndice da parte 1 da *Ética* e na *Carta XXXII*, como intentaremos demonstrar a seguir.

Nas duas primeiras ocorrências – *nec per somnium videre* e *nec per somnium cogitavit* –, os termos *videre* e *cogitare* podem ser compreendidos no sentido de apreensão do objeto pelo entendimento, a semelhança com René Descartes que empregava o termo *percipere* para designar a apreensão puramente mental do intelecto⁸⁹. É significativo que tenhamos encontrado justamente na parte não-geométrica da *Ética* – em dez escólios e num prefácio –, passagens na qual o termo *videre* é usado com este sentido de apreensão pelo entendimento, pois o uso do termo *videre* não traduz o rigor que o uso do termo *cogitare* acarretaria. A título de exemplo citamos o escólio da proposição 17 da parte 1, no qual após escrever que vai mostrar “que à natureza de Deus não pertencem nem o intelecto, nem a vontade” e expor seus argumentos de que o intelecto não pertence à natureza de Deus, visando evitar a repetição dos mesmos argumentos agora aplicados

295-297, jan./set. 1978, p. 295-296.

⁸⁷ Alexandre Koyré. “O Cão Constelação Celeste, e o Cão Animal que Late”. In: *Estudos de História do Pensamento Filosófico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 70-78, 1991, p. 70.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 72.

na demonstração de que a vontade não pertence à natureza divina, Spinoza conclui o escólio: “Quanto à vontade procede-se da mesma maneira, como qualquer um pode facilmente ver.” (*Circa voluntatem eodem modo proceditur, ut facile unusquisque videre potest*) (SO2, p. 63). Ora, é bastante claro que este *videre* não se refere ao sentido da visão, mas sim à apreensão dos argumentos descritos. O mesmo se repete no primeiro escólio da proposição 10 da parte 2 e também no escólio da proposição 28 desta mesma parte, na qual o escólio se encerra da mesma maneira, com as mesmas palavras e com o mesmo sentido: *facile unusquisque videre potest* (SO2, p. 93 e SO2, p. 113).

Na terceira ocorrência a expressão encontra-se no capítulo XV do TTP e está formulada como *ne per somnium cogitarunt*. A semelhança do que provavelmente ocorreu com a expressão no apêndice da parte 1 da *Ética*, aqui também é muito provável que a omissão da letra “c” no termo “*nec*” tenha ocorrido em função de uma falha tipográfica na impressão da *editio princeps* publicada em 1670, pois uma vez corrigida a expressão encontrada no apêndice da parte 1 da *Ética* à luz do manuscrito *Vat. Lat. 12838* e invalidada por Leopold a “correção” de Vloten e Land, o uso do termo *ne* na expressão em pauta não encontraria outra explicação além do erro tipográfico ou do erro de escrita do próprio Spinoza. E esta última explicação não nos parece razoável.

Em relação ao contexto das passagens onde se encontra a expressão em questão, ocorre o mesmo que no contexto do apêndice da parte 1 da *Ética*: Spinoza não está desenvolvendo ou expondo nenhum ponto específico de sua doutrina. Assim, no prefácio ele está argumentando contra os líderes religiosos que “nem por sonhos veem a divindade da escritura” (SO3, p. 9); no capítulo II ele está descrevendo a forma com que o profeta Isaías recebe o sinal de retrocesso da sombra: de maneira adequada a sua compreensão, porque “também ele julgava que o sol se move e que a terra está parada” (SO3, p. 36) ou no capítulo XV, no qual Spinoza descreve as condições para adaptar a Escritura à Filosofia: “tem de atribuir falsamente aos profetas muitas coisas que eles nem por sonhos pensaram e de interpretar mal o seu pensamento.” (SO3, p. 180).

Couchoud considera o TTP a obra prima de Spinoza. Em sua análise escreve que o livro é precedido por um infeliz prefácio (*malecontreuse préface*) feito num estilo agressivo e estreito que não corresponde ao tom do próprio Tratado⁸⁹. O estranhamento de Couchoud é tal que ele chega mesmo a especular se o autor do prefácio não seria outro além de Spinoza, como ocorreu no PPC cujo prefácio foi redigido por Louis Meyer⁹⁰. Esta hipótese é recusada pelo tradutor português do TTP, Diogo Pires Aurélio, que afirma faltar à hipótese de Couchoud um verdadeiro

⁸⁹ John Cottingham. *Dicionário Descartes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 134.

⁹⁰ Paul-Louis Couchoud, *Op. Cit.*, p. 89.

⁹¹ *Ibidem*, p. 89-90.

fundamento, devido à dificuldade que seria a outro que não o autor, apresentar uma “síntese tão exata e fiel do conteúdo do Tratado, e mais difícil ainda imputar esta tarefa a L. Meyer, que sustenta ideias bem diversas sobre o mesmo assunto”⁹², como bem demonstrou o próprio Aurélio em sua introdução ao TTP.

5.2.3 Na *Carta XXXII* de 20 de novembro de 1665

A relevância da *Carta XXXII* em nossa análise da expressão *nec per somnium cogitant* é dupla, pois se por um lado, podemos considerar as cartas como documentos fidedignos por serem “*las manifestaciones del filósofo mismo*”⁹³; por outro lado, o contexto desta carta e da passagem na qual se encontra a expressão *nec per somnium cogitant* têm características marcadamente coloquial, não deixando a menor dúvida de que Spinoza não está tratando de pontos de sua doutrina e nem está argumentando de nenhuma forma, como ocorre na *Ética* ou no TTP.

O assunto que domina o parágrafo em que se encontra a expressão *nec per somnium cogitant* é a guerra entre a Inglaterra e a Holanda. Na passagem em pauta Spinoza está expressando com certa ironia o seu ceticismo sobre a possibilidade de paz entre a Inglaterra e a Holanda ao seu correspondente inglês, Enrique Oldenburg. Uma simples análise da passagem mostra-se suficiente para podermos afirmar que o termo *cogitare* tem aqui o sentido de “passar pela cabeça” sem nenhuma significação noemática. Neste caso estariamos diante do uso simples da expressão idiomática de origem portuguesa, conforme demonstrado *supra*, *nem por sonhos lhe passa pela cabeça*, que foi pensada e escrita pelo filósofo.

E justamente por ser uma expressão idiomática, ou seja, uma frase cristalizada numa língua, cujo significado não é deduzível dos significados das palavras que a compõem e que geralmente não pode ser entendida ao pé da letra por ter um significado não dedutível da simples combinação dos significados dos elementos que a constituem, é que Joaquim de Carvalho pode apontar a diversidade de traduções dessa passagem na *Ética* como uma “espécie de contraprova”⁹⁴ de sua hipótese.

Conclusão

⁹² Diogo Pires Aurélio. “Introdução”. In: Spinoza, Benedictus de. *Tratado Teológico-Político*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2004, nota 1, p. 395.

⁹³ H. G. Hubbeling, *Op. Cit.*, p. 7.

⁹⁴ Joaquim de Carvalho, 1992b, p. 193.

Ainda que nunca venhamos a ter certeza da linguagem em que Spinoza elaborava o seu pensamento, a hipótese de Joaquim de Carvalho de que esta língua era o português, em comparação com as outras apresentadas, nos parece a mais provável, não só pelos argumentos do próprio Joaquim de Carvalho aqui analisados, mas também pelo aporte de novas evidências que a corroboram surgidas nas últimas décadas, como, por exemplo, a descoberta da documentação relativa à localidade de origem do pai de Spinoza ou a descoberta do manuscrito da *Ética* encontrado no vaticano. Neste sentido, as palavras de Gebhardt sobre a linguagem em que Spinoza elaborava seu pensamento: “Quando ele meditava, ele vai se utilizar da língua portuguesa”⁹⁵, encontram seu fundamento.

Referências Bibliográficas

- Aluis, Jacob van; Musschenga, Ionnis (org.). *De boeken van Spinoza. Spinoza's books*. Den Haag: Bibliotek der Rijksuniversiteit Groningen, 2009 (com fac-símile dos documentos cartoriais).
- Appuhn, Charles. *Éthique/Ethica*. Texto introdutório e tradução por Charles Appuhn. Paris: J. Vrin, 1934, Reimpressão em 1983.
- B. D. S. *Opera Posthuma*. [S. l.] [Amsterdam]: [s.n.] [J. Rieuwertsz], MDCLXXVII [1677].
- Bayle, Pierre. “Spinoza”. In: Domínguez, Atilano. *Biografías de Spinoza*. Selección, traducción, introducción, notas y índices por Atilano Domínguez. Madri: Alianza, p. 81-89, 1995.
- Benedicti de Spinoza Opera quotquot reperta sunt, recognoverunt J. van Vloten et J. P. N. Land*. Hagae: Hagae Comitum, apud M. Nijhoff, 1882 (v. 1) e 1883 (v. 2).
- Carvalho, Joaquim de Montezuma de. “Posfácio”. In: Espinosa, Bento de. *Ética*. Tradução, introdução e notas de Joaquim de Carvalho (Parte 1) *et. al.* Lisboa: Relógio D’Água, p. 483-501, 1992.
- Carvalho, Joaquim de. “Sobre o lugar de origem dos antepassados de Baruch de Espinosa”. In: *Obra Completa de Joaquim de Carvalho*, v. 1, 2. ed. (Filosofia e História da Filosofia - 1916-1934). Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1992a.
- Carvalho, Joaquim de. “Nota VI”. In: Espinosa, Bento de. *Ética*. Tradução, introdução e notas de Joaquim de Carvalho (Parte 1) *et. al.* Lisboa: Relógio D’Água, p. 191-193, 1992b.
- Castro, David Henriques de. *Keur van Grafsteen op de Nederl.-Portug.-Israël. Begraafplaats te Ouderkerk aan den Amstel*. Leiden: E. J. Brill, 1883.
- Castro, David Henriques de. “Ad Spinosam”. In: *Oud Holland*, v. 6, p. 45-47, 1888.
- Colerus, Jean. “Biografía de Spinoza”. In: Domínguez, Atilano. *Biografías de Spinoza*. Selección, traducción, introducción, notas y índices por Atilano Domínguez. Madri: Alianza, p. 97-142, 1995.
- Colerus, Jean. *Vida de Spinoza*. Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso. Disponível em: <<http://benedictusdespinoza.pro.br/biografias-de-spinoza-colerus.html>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

⁹⁵ Carl Gebhardt, *Op. Cit.*, p. 275 (nota). Versão em português: p. 89.

- Cottingham, John. *Dicionário Descartes*. Tradução de Helena Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- Couchoud, Paul-Louis. *Benoit de Spinoza*. Paris: Félix Alcan, 1902.
- Curley, Edwin. *The Collected works of Spinoza*. v. I. Edited and translated by Edwin Curley. New Jersey: Princeton University Press, 1988.
- Deleuze, Gilles. “Spinoza e as Três Éticas”. In: _____. *Crítica e Clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, p. 156-170, 1997.
- Domínguez, Atilano (org.). *Biografías de Spinoza*. Selección, traducción, introducción, notas y índices por Atilano Domínguez. Madrid: Alianza, p. 203-220, 1995.
- Domínguez, Atilano. “Notas sobre la ‘Biblioteca española de Spinoza’”. In: Domínguez, Atilano (org.). *Spinoza y España: Actas del Congreso Internacional sobre Relaciones entre Spinoza y España (Almagro, 5-7 noviembre 1992)*. Cuenca: Universidad de Castilla - La Mancha, p. 43-46, 1994.
- Domínguez, Atilano. In: Spinoza, Benedictus de. *Correspondencia*. Introducción, traducción, notas y índice de Atilano Domínguez. Madrid: Alianza, 1988.
- Espinosa, Bento de. *Ética*. Tradução, introdução e notas de Joaquim de Carvalho (Parte 1) et. al. Lisboa: Relógio D’Água, p. 483-501, 1992.
- Fragoso, Emanuel Angelo da Rocha. *Biblioteca do Spinoza*. Disponível em <<http://benedictusde.spinoza.pro.br/biblioteca-do-spinoza.html>>. Acesso em: 05 dez. 2017.
- Freudenthal, Jacob. *Lebensgeschichte Spinoza's*. Leipzig: Verlag von Veit, 1899.
- Gebhardt, Carl. “Der Name Spinoza”. In: *Chronicon Spinozanum*. Tomus Primus. Hagæ Comitis, curis Societatis Spinozanæ, p. 272-276, MCMXXI [1921].
- Gebhardt, Carl. “O nome Spinoza”. Tradução de Acelino Pontes. *Revista Conatus - Filosofia de Spinoza*. Fortaleza-CE, v. 6, n. 11, p. 89-93, jul. 2012. Disponível em: <<http://seer.uece.br/?journal=Conatus&page=article&op=view&path%5B%5D=1849&path%5B%5D=1570>>. Acesso em: 05 dez. 2017.
- Gebhardt, Carl. *Spinoza Opera*. In: Auftrag der Heidelberger Akademie der Wissenschaften herausgegeben von Carl Gebhardt. Heidelberg: Carl Winter, 1925, v. 1-4, 2. Auflage 1972.
- Hubbeling, H. G. *Spinoza*. Versión castellana de Raúl Gabás. Barcelona: Herder, 1981.
- Jelles, Jarig. “Tradução do Prefácio às Obras Póstumas de B. D. S.”. In: Abreu, Luís Machado de. “Uma Apologia de Spinoza - O Prefácio às Obras Póstumas”. *Revista da Universidade de Aveiro/Letras*, v. VIII-6, p. 307-329, 1985.
- Kerkhof, Maxim P. A. M. “Préstamos en el portugués de los judíos hispano-portugueses de Ámsterdam en la primera mitad del siglo XVII”. In: *Sefarad – Revista de estudios hebraicos e sefardíes*, v. 71, n. 1, p. 413-434, jul./set. 2011.
- Kortholt, Sebastian. “Prefácio ao de *Tribus Impostoribus*”. Tradução e notas de Emanuel A. R. Fragoso e Flora B. R. Fragoso. *Revista Conatus - Filosofia de Spinoza*, Fortaleza-CE, v. 2, n. 3, p. 91-93, jul. 2008. Disponível em: <<http://seer.uece.br/?journal=Conatus&page=article&op=view&path%5B%5D=1699&path%5B%5D=1457>>. Acesso em: 05 dez. 2017.
- Koyré, Alexandre. “O Cão Constelação Celeste, e o Cão Animal que Late”. In: *Estudos de História do Pensamento Filosófico*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 70-78, 1991.
- Leopold, J. H. *Ad Spinozæ Opera Posthuma*. La Haia: Hagae comitis apud Martinum Nijhoff, MCMII [1902].

Lucas, Jean Maximilian. “A vida e o espírito do senhor Benoit de Spinoza”. Tradução de Emanuel A. R. Fragoso. *Revista Conatus - Filosofia de Spinoza*, Fortaleza-CE, v. 3, n. 5, p. 89-102, jul. 2009. Disponível em: <<http://seer.uece.br/?journal=Conatus&page=article&op=view&path%5B%5D=1731&path%5B%5D=1495>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

Meinsma, K. O. *Spinoza et son Cercle*. 1. ed. Traduit du néerlandais par S. Roosenburg, appendices latins et allemands traduits par J.-P. Osier, 1896. Paris: J. Vrin, 1983.

Melo, Francisco Manuel de. *Feira dos anexins*. Obra póstuma. Edição dirigida e revista por Innocêncio Francisco da Silva. Lisboa: A. M. Pereira, 1875.

Nadler, Steven. *Espinosa - Vida e obra*. Tradução de J. Espadeiro Martins. Lisboa: Europa-América, 2003.

Pires Aurélio, Diogo. “Introdução”. In: Spinoza, Benedictus de. *Tratado Teológico-Político*, 3. ed. Tradução, introdução e notas de Diogo Pires Aurélio. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2004.

Remédios, Joaquim Mendes dos. *Os judeus portugueses em Amsterdam*. Coimbra: F. França Amado, 1911.

Salomon, H. P. “Introdução – Saul Levi Mortera: O homem, a obra, a época”. In: Mortera, Saul Levi. *Tratado da verdade da lei de Moisés*. Edição fac-similada e leitura do autógrafo (1659). Introdução e comentário por H. P. Salomon. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1988.

Sasso, Robert. “Discours et non-discours de l’Éthique”. *Revue de Synthèse*, n. 89, tome XCIX, p. 295-297, jan./set. 1978. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k3652213?rk=21459;2>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

Spinoza, Benedictus de. “Carta XIX (05 de janeiro de 1665)”. Tradução e notas de Emanuel A. R. Fragoso e Flora B. R. Fragoso. *Revista Conatus - Filosofia de Spinoza*, Fortaleza-CE, v. 5, n. 9, julho de 2011, p. 103-107. Disponível em: <<http://seer.uece.br/?journal=Conatus&page=article&op=view&path%5B%5D=1794&path%5B%5D=1548>>. Acesso em: 05 dez. 2017.

Spinoza, Benedictus de. *Tractatus Theologico-Politicus*. Hamburgi [Amsterdam]: Apud Henricum Künrath [Jan Rieuwertsz], 1670.

Spruit, Leen; Totaro, Pina. *The Vatican Manuscript of Spinoza’s Ethica*. Leiden/Boston: Brill, 2011.

Wolf, A. *The Correspondence of Spinoza*. Translated and edited with introduction and annotations by A. Wolf. New York: Lincoln Mac Veagh, 1927.

Prof. Dr Emanuel Angelo da Rocha Fragoso - Professor de Filosofia na UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ – UECE (Brasil) na área de Ética. Coordena o Projeto de Pesquisa O CONCEITO DE LIBERDADE NA ÉTICA DE BENEDICTUS DE SPINOZAe o GT BENEDICTUS DE SPINOZA – ANPOF 2018. Editor da REVISTA CONATUS – FILOSOFIA DE SPINOZA.

gt_spinoza@terra.com.br